

A CASA
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Pós-Graduação Latu Sensu

CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO

Turma_5 2023/2024

EMBAIXO DA MESA FUI TRAMANDO

Marisa Martins Carvalho

Concepção e Coordenação da Pós-Graduação:

Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

Assistente de Coordenação: Profa. Ma. Bárbara Melo

Direção Geral d'A CASA TOMBADA:

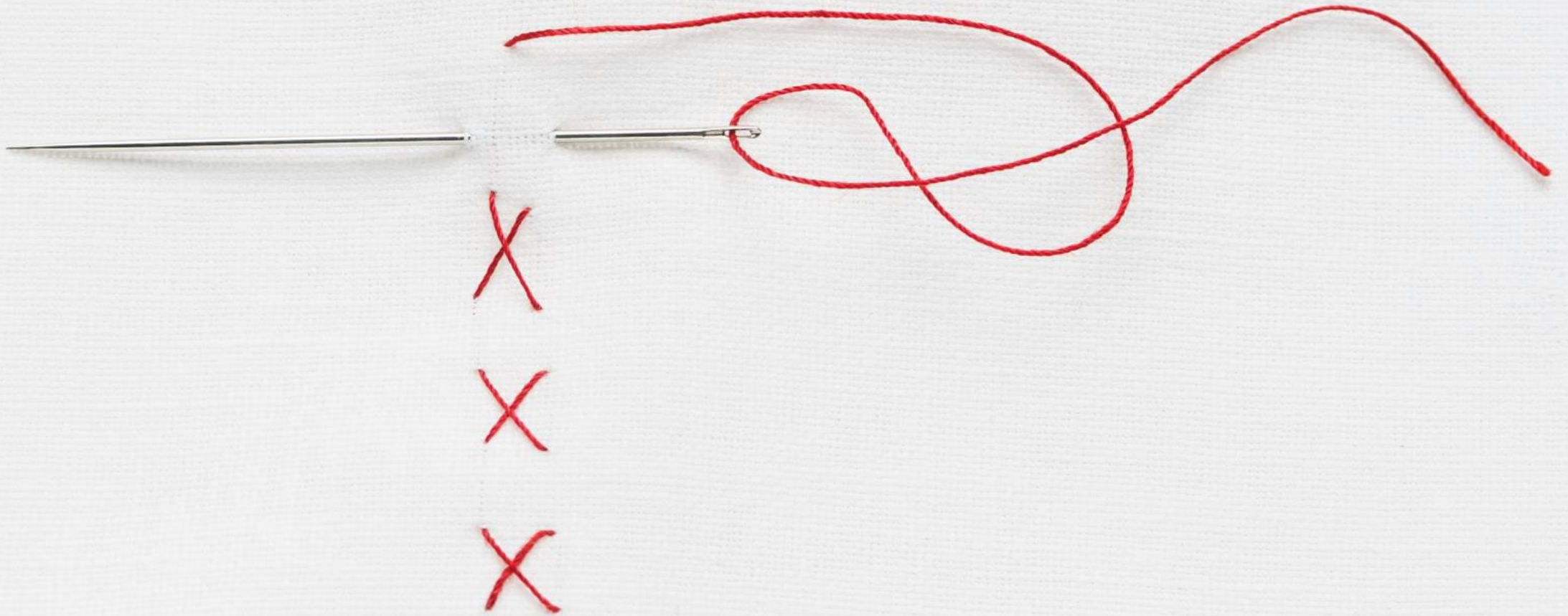
Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Este trabalho representa uma síntese desta viagem de 18 meses no curso de pós-graduação. A minha forma de expressão é através da linguagem artística, é o que faço com as mãos. Apresento trajetos percorridos, inquietações e indagações em forma de livros de artista com bordados, costuras e uma instalação. É uma forma de explorar e organizar meus pensamentos. Memórias vem à tona, elementos do passado entrelaço com o presente. Paisagens internas desdobram-se para o externo. Crio caminhadas imaginárias com pessoas importantes em minha jornada de vida. Este trabalho tornou-se ao longo do tempo uma homenagem à eles.

PALAVRAS-CHAVE: Nós. Pontos. Memórias. Paisagem interna.

EMBAIXO DA MESA
FUI TRAMANDO



Marisa Martins Carvalho

Esta viagem de 18 meses no Curso de Pós-Graduação **Caminhada como método - da Arte à Educação**, na Casa Tombada, finaliza com a escrita sobre este percurso. Quando iniciei esta jornada não imaginei que iria me colocar de ponta cabeça, que teria tantas indagações em todo o percurso e até agora no final... escrever ...

Vou contar sobre esta trajetória através de alguns registros de fotos, livro de anotações e obras que criei nesse intervalo de 2023 a 2024 , em ordem cronológica.

Desenvolvi uma pesquisa plástica com narrativas da memória através da linguagem no trabalho têxtil, usando a costura, o bordado e amarrações de tecidos, criando uma instalação e um livro de artista.

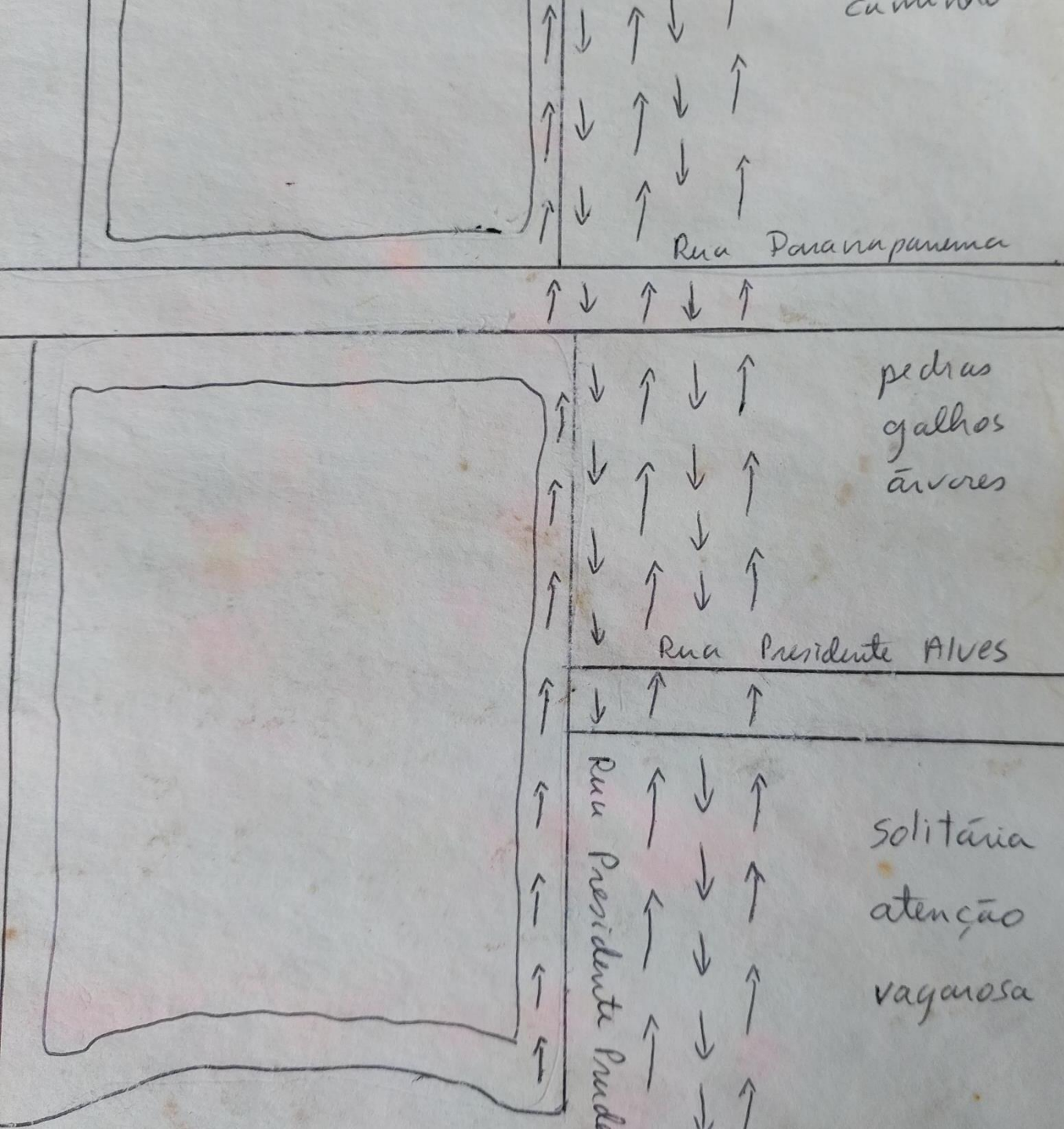
Em uma reunião quando Bárbara Melo, co-orientadora do curso, comentou a escrita como uma contribuição com outras pessoas, a forma de apresentar o nosso trabalho ser uma troca entre nós, entendi como um desafio escrever sobre a minha jornada atual através dos trabalhos que fiz neste período.

A minha pesquisa como artista visual gira em torno das **Paisagens e Memórias**. A questão do tempo me interessa, recupero elementos do passado, entrelaçando com o presente. Construo paisagens imaginárias a partir de referências em viagens como observadora dos percursos, das caminhadas e das coletas. Através de minhas mãos apresento essa viagem e as nuances do tempo neste percurso de 18 meses.

Apresento neste trabalho minha trajetória através de amarrações de tecidos, bordados e costuras. Foi um mergulho no presente e no passado, visitar memórias com minha mãe (in memoriam) e meu filho, sentir a passagem do tempo. Fizemos muitas viagens e caminhadas juntos aos finais de semana. Meus trajetos agora sozinha são momentos de diálogos internos, introspecção, um inventário do tempo. Neste caminho de vida está a costura, atividade que está impressa em minha vida desde os 12 anos quando herdei a máquina de costura Elna, que minha mãe ganhou quando se casou e nunca usou, moderna, portátil, elétrica. Aprendi sozinha a costurar com moldes de revistas da época e fazia minhas roupas. Um pouco mais tarde aprendi a bordar. Costuras e bordados fizeram parte do meu cotidiano nestes meses. Além do bordado e da costura, a leitura me afeta, copio frases e pensamentos de outros que se misturam com as minhas escritas em pequenos papéis, depois reescrevo em cadernos e mais cadernos, e assim coleciono frases ao longo dos anos.

Esta viagem foi de muitas caminhadas, leituras, escritas, coletas, costuras e também muitos “Nós”.







pedras no caminho

deixam rastros

Carta para mim mesma

Penso na vida como movimentos circulares, vamos e voltamos em vários tópicos que para nós são importantes, dependendo da época e das circunstâncias da vida.

Percebi em meu percurso quais são os temas que me interessam, Memória e Paisagem. A memória como um refúgio de lembranças familiares e de amigos queridos. Minhas obras são formas de homenagear pessoas que foram importantes em meu percurso. Meus pais, amigas de minha mãe que me ajudaram incentivando meu trajeto como artista e meu tio Martin, grande influenciador e orientador em minha vida profissional como dentista e como artista. Aprendi os primeiros traços de desenho com ele, na adolescência. Estudo das cores, uso dos materiais e orientações sobre leituras. Ele era médico, poeta e pesquisador nas artes em tintas e papéis artesanais. Todos eles fazem parte da minha história.

Muitas vezes desvio o caminho, acho que estou dando voltas e fico em dúvida qual direção seguir. Isso muitas vezes incomoda, parece ser uma fuga. Ouvindo outros artistas sobre seus percursos sinto-me encorajada a seguir.

Em viagens, como não sei ler mapas, vou andando, descobrindo os lugares. Coleta coisas pelo caminho como papéis, pedrinhas, guardanapos, tecidos interessantes...e fotografo casas e prédios, arquitetura chama muito minha atenção. Compro livros em sebos, visito brechós e coleta acessórios diferentes. Em folhas avulsas escrevo durante o percurso observações sobre a estrada, caminhos percorridos, as cidades, o que for interessante para mim. Todas essas anotações serão transformadas em cadernos de viagem. Os mapas coloco em meus cadernos como lembranças do percurso percorrido.

Em aulas durante o curso, identifiquei-me com Mirella Marino e Tamara Andrade. Mostraram uma grande variedade de cadernos e desenhos sobre suas caminhadas. Também faço muitos cadernos, achava ser um pouco demais, mas vendo outros artistas também fazendo isso nos dá um sentimento de não estar sozinha. Os livros sobre caminhadas e viagens, Caminhar Oblíquo de Duarte Belo e Percorrer a cidade, de Henri-Pierre Jeudy, a forma como eles relatam e fazem os registros me despertaram outros focos de interesse. Assim revisei alguns livros de viagem e modifiquei alguns, os próximos já serão diferentes.

(abril 2023)

“Caminhar é a reconquista do corpo, da sua poderosa força e fragilidade, é o contato com a terra e o despertar dos sentidos que são adormecidos pelo asfalto e os horizontes fechados das cidades. É, de algum modo, voltar a ser animal. ”

Duarte Belo, Caminhar oblíquo, p 294

Amarrando as pontas

Em março de 2023 iniciei a obra Amarrando as pontas, um trabalho com “Nós”, amarrações que fui fazendo embaixo da mesa enquanto assistia as aulas *on line*.

Durante 9 meses fui gestando essa obra. Dei “nós” em pedaços de fitas de malha cortados em tamanhos aleatórios.

O movimento não era somente de minhas mãos amarrando ponta com ponta, mas também do corpo, dedos e punhos. Mãos inquietas que precisavam estar em movimento como forma de concentração.

Foi ficando pesado no meu colo.

Muitas indagações, até o momento que achei que estava pronto, em dezembro.

Esses nós contam a história desse período. As dificuldades, perguntas sobre o que estou fazendo, qual será o próximo passo? Auto crítica, autoconhecimento, memórias vem à tona.

Vou peneirando, depurando meus pensamentos, agrupando em forma de uma cartografia pessoal. Uma trajetória de vida.

A paisagem interna se desdobrando para o externo, os entrelaçamentos que tecemos ao longo do tempo. Vemos os nós e os vazios. Uma rede maleável e firme, a qual evoca o sentido de conexão.

Em minha profissão como cirurgiã-dentista, por 35 anos, dei muitos “nós” como sutura, com agulhas curvas e agora dou nós em tecidos não humanos, em linhas de costura e bordados, com agulhas retas.

Tudo inicia e termina com um “nó”.



As mãos trabalham e aliviam o cansaço

As mãos modelam novas formas através das tramas e dos espaços vazios

Imagens se formam, aleatórias, sem planejamento

Minha cartografia vou delineando através das minhas mãos

Esta é a minha caminhada pessoal

O meu mapa é a minha versão da realidade



“ Quando terminar? O trabalho pede a decisão de seu destino. Esta decisão desempenha um significado essencial: continuar costurando um mesmo trabalho advém de uma somatória de pequenos impulsos singulares. Às vezes esta decisão é mera circunstância, tanto faz parar ou continuar. A ideia está ali impregnada, está ali: tudo é questão de tempo. “

Edith Derdyk, LINHA DE COSTURA

“ Nós nos nós.

Há nós. E a nós, o desejo cada vez mais vivo de atar à vida. “

Liliane Oraggio, Bordas da Seda- p 32-35

“ Dar nó é uma atividade ancestral, em diversas profissões eles existem na vida cotidiana, como os cirurgiões, pescadores, marinheiro, empalhadores, sapateiro, acrobata... também os nós foram usados por **narradores polinésios**, que recitavam seus poemas de memória, recorrendo a cordinhas trançadas, os nós eram instrumentos para a memória oral, um modo de fixar o texto antes de qualquer idéia de escrita; para os **japoneses**, tradição do xintoísmo nipônico há deuses “amarradores” porque atam o céu à terra, o espírito à matéria, a vida ao corpo. Nos templos, uma corda de palha amarrada indica o espaço purificado, fechado ao mundo profano; para os **budistas**, o poder do Nó, basta que o sacerdote mova os dedos como se amarrasse para que o espaço da cerimônia se feche a influências nocivas; na **Psicanálise** “nó borromeu”, 3 anéis enlaçados, apenas o 3º anel ata os outros 2. A arte de dar Nós, ápice ao mesmo tempo de abstração mental e da manualidade, poderia ser vista como a característica humana por excelência, tanto quanto ou mais ainda que a linguagem .”

Ítalo Calvino, Coleção de areia, p 68-69

“Há cinco mil anos, [os habitantes das primeiras civilizações do sul do continente] criaram o quipu [nó], um poema no espaço, uma maneira de lembrar que envolve o corpo e o cosmos ao mesmo tempo; uma metáfora tátil e espacial para a união de tudo. O quipu e seu equivalente visual, o ceque (um sistema de linhas noturnas que conecta todas as comunidades dos Andes), foram proibidos após a conquista. Os quipus foram queimados, mas a visão da interconexão, uma resistência poética, sobrevive no subsolo.”

Cecília Vicuña - Exposição Sonhar a água–Pina Contemporânea–SP–Maio 2024

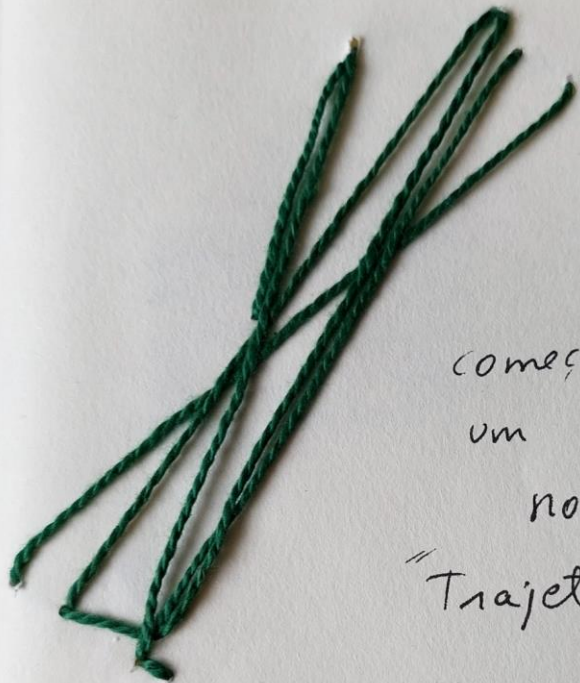


livro Verde

anotações e pensamentos no percurso de 2023

https://youtu.be/GQCRN9_CrvE

e assim



começou
um
novo
"Trajeto"

inquietação
saudade
alegria
ansiedade
paço
medos
palpitação
no estômago
dividi-
das
an
gustiam

A large, dense, circular scribble made of black ink lines, resembling a tangled web or a complex doodle, is drawn in the center of the right page of the notebook.

Qual o
meu
caminho?

Trilha
Caminho da
Vida
Longo
Dolorido
Dúvidas e
inquietação
Perguntas sem
respostas
Escolhas
aceitadas ou
não
mas só eu
posso escolher
Cuidados
comigo e com
os outros
Respeito
Integridade
eu Escolho
qual o meu
caminho

andar e mudar o
percurso?

quais são os vestígios
que os outros
deixam em
meu caminho?

presto atenção em meu
trajeto do "dia a dia"?

quantos caminhos existem
para o mesmo ponto
final?

Existe um ponto final?

A minha memória é
diferente da sua...
quais são as memórias
que podemos nos
identificar?

"a memória se expande
num tempo que toma
conta de todo o espaço"
(Marcel Proust)

caminho

a trilhar

escolhas

dúvidas

pausar

silenciar

meditar

caminhos

são

tortuosas

a vida

Memórias
Retalhos e remendos
do acontecido...
Texturas e lembranças
entretecidas em costuras
e bordados...
escolho o fio da linhagem,
passo pelo buraco da
agulha da memória,
bordo o ponto presente,
essa é a minha bagagem...
em tramas e nós
descanso das palavras

Caminhos e memórias

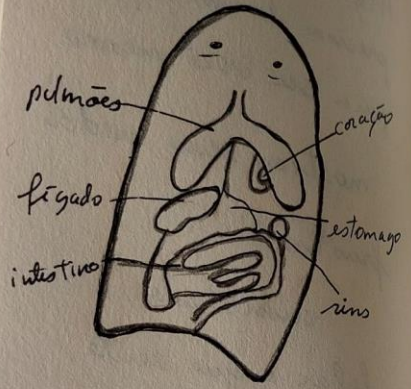


carlinhos abertos
e fechados



Memórias
Vem e Vão

O corpo sente



O organismo fica intoxicado
com raiva
ressentimentos
desarmonia
medos



tenho minhas
interrogações

ando em círculos...



Casulos

Com gaze cirúrgica fiz 5 saquinhos (casulos), bordei e costurei as laterais. Preenchi com terra e sementes de frutas.

Na praça onde faço caminhada aos domingos, escolhi 5 lugares e coloquei os casulos sobre a terra. A gaze vai desintegrar com o tempo e semear a terra.

Esta ação foi decorrente após uma roda de conversa com a artista Luciana Valio, que fez um trabalho jogando “bombas semeadoras” em terrenos baldios.

processos do casulo









Bordar me conecta às delicadezas, às memórias de infância e juventude com pessoas amigas de minha família, as quais mostravam e descreviam sobre essa manualidade.

Caminhada dia 24/2/2024

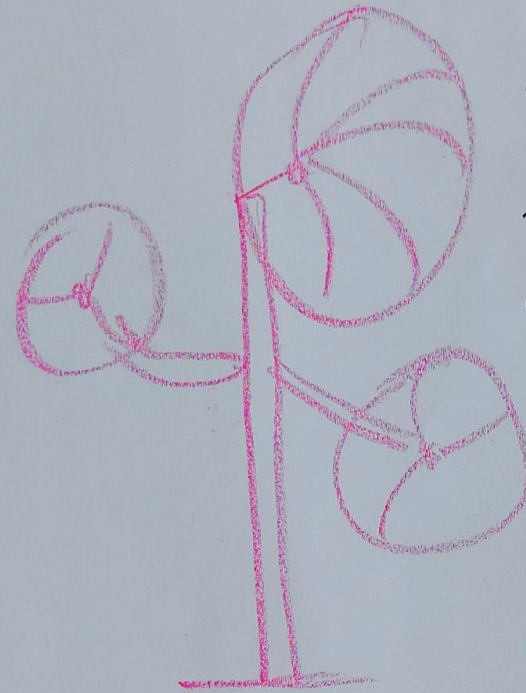
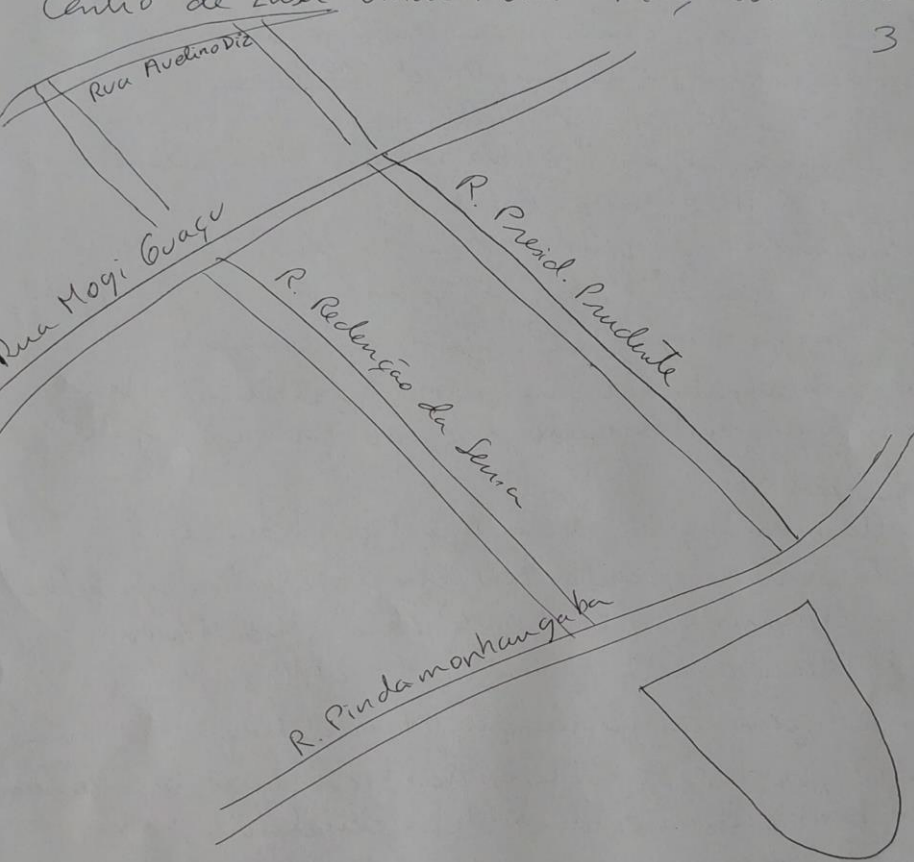
Início: 12:40

Fim: 13:40 - 14:00 H

Rua Presidente Prudente

Centro de Lasa Omar Nenes - Praça Id. Flamboqui

3 Praças



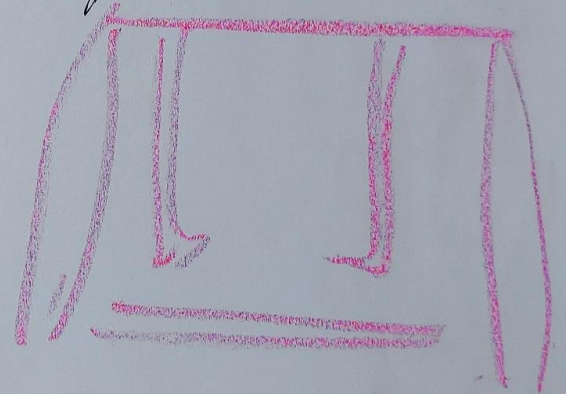
sentada aqui no banco
da praça, sem saber o
que vou fazer
tirar fotos, sentei
pensei conversando

"Eu não vou fazer nada"

"É muito trabalhoso"

"Deixa de ser bobo"

que nem mãe, fale e
tá certa, pãe na cabeça
o pai sustenta ele

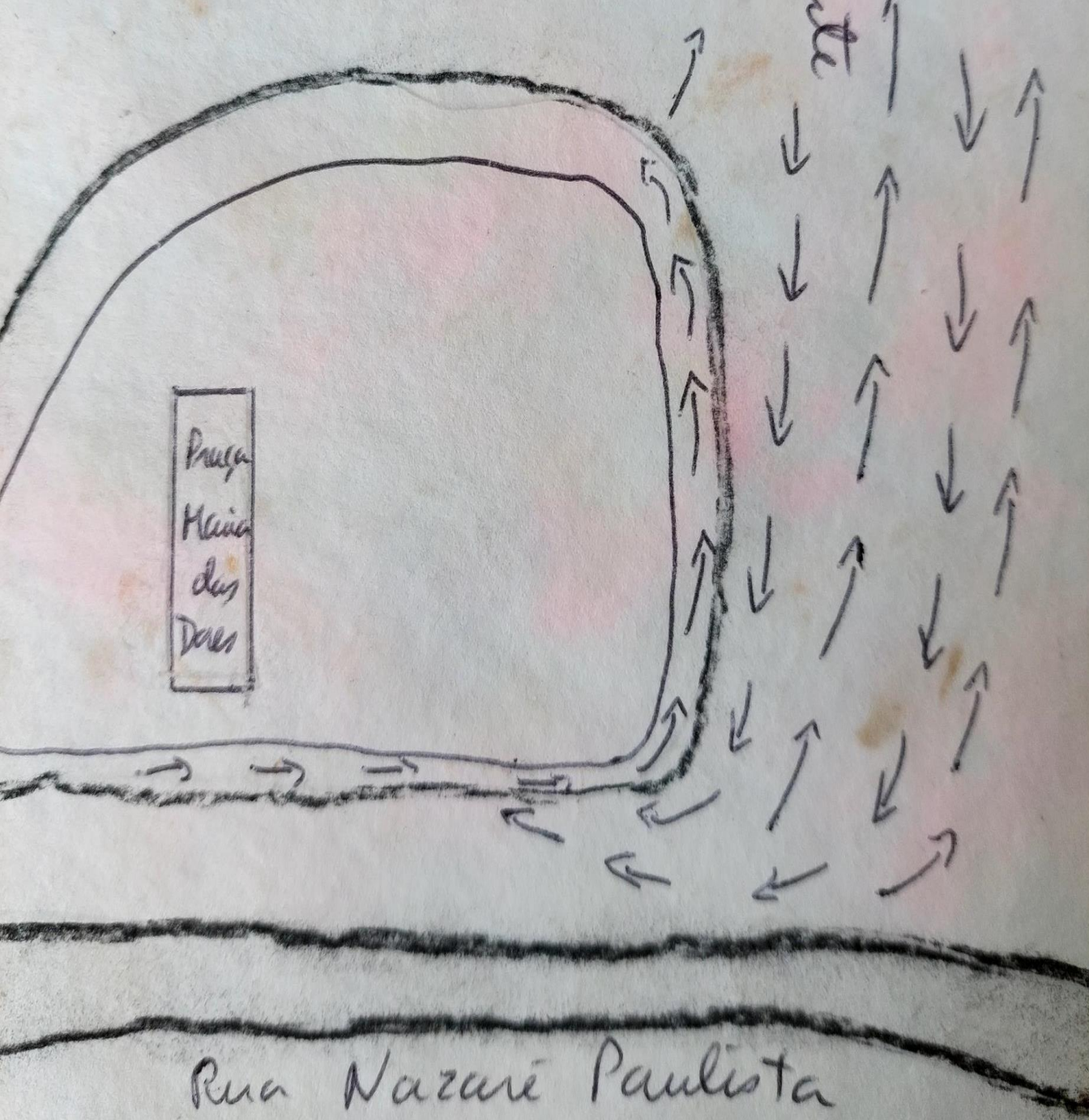


Banheiro de moto
cachorro late
bate porta de carro

"Você nunca foi mãe
desse menino, pára
de sustentar"

carro de Mercado Livre passa lento procurando endereço

"Todo mundo doído - Meu pai puxava, tinha que
trabalhar,





“ Revisitando o passado e mirando o futuro a cultura do feito à mão é uma conexão entre pessoas e a passagem do tempo. Os trabalhos ganham camadas ao se utilizarem de referências afetivas e ancestrais. “

Estefania Lima - Revista URDUME- edição 8- p. 6

“ A linha caminha conosco, demarcando bordas e entornos para trás ou para a frente, mas sempre lá, em algum lugar ao redor de nós. Horizonte amplo nos abraçando e sendo abraçado pela paisagem da criação. “

Edith Derdyk- Linha de Horizonte, p. 30

Como transgredir o meu olhar e o meu fazer?





bordados a partir de desenhos feitos dos trajetos das caminhadas



“ Nas escolas, nos museus, centro culturais, ateliês e clínicas o ensino/uso das artes manuais têxteis deixa cada vez mais de se restringirem ao ambiente doméstico, e conquista, de forma sistematizada, o espaço público. “

Nina Veiga - revista Urdume - edição 8, p. 52

Cartografias da memória

um caminho através do bordado, da costura

um livro de tecido é a minha forma de escrita



<https://youtu.be/0Akgc-vmwBA>

Cartografias da memória

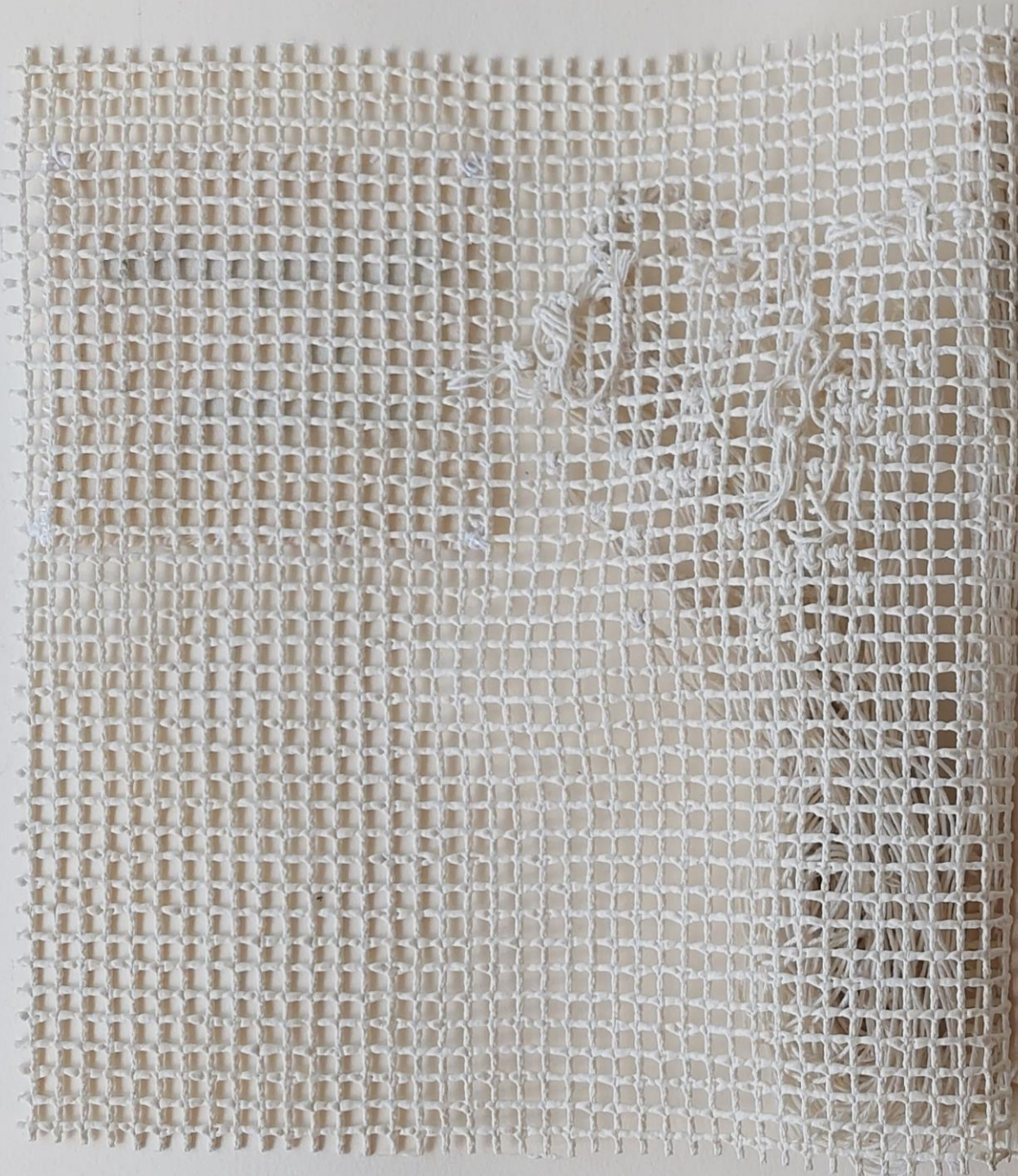


A sobreposição de camadas de diferentes materiais, as amarrações de tecido e nós, constroem um cenário das memórias. Passado se mistura com o presente, amarra as histórias às pessoas e suas lembranças.

Os fios me carregam para um emaranhado de emoções. São arquivos que vou desenterrando aos poucos.

O livro de tecido como expressão de arte, além da materialidade, o conteúdo é um misto de memórias, transformadas em uma forma de artefato. Explora a consciência do meu corpo através do movimento de bordar. É um misto de conexão mãos e coração.

O bordado me transporta, me leva a lugares diferentes, posso viajar por horas e horas...



2 assim como



um novo trajeto

memórias pensamentos interrogatóes
persiste retalhos e remendos
tramas tropeços
alocados do acontecido da memória
contínuo a andar os caminhos são círculos
em devagar constante
levanto os caminhos são círculos
caminho devagar constante
caio silêncio


Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.





Abrirás dos fios, das linhas
por costurando, bordando
hoje significados, em Sarama
minha história
O fio que lora





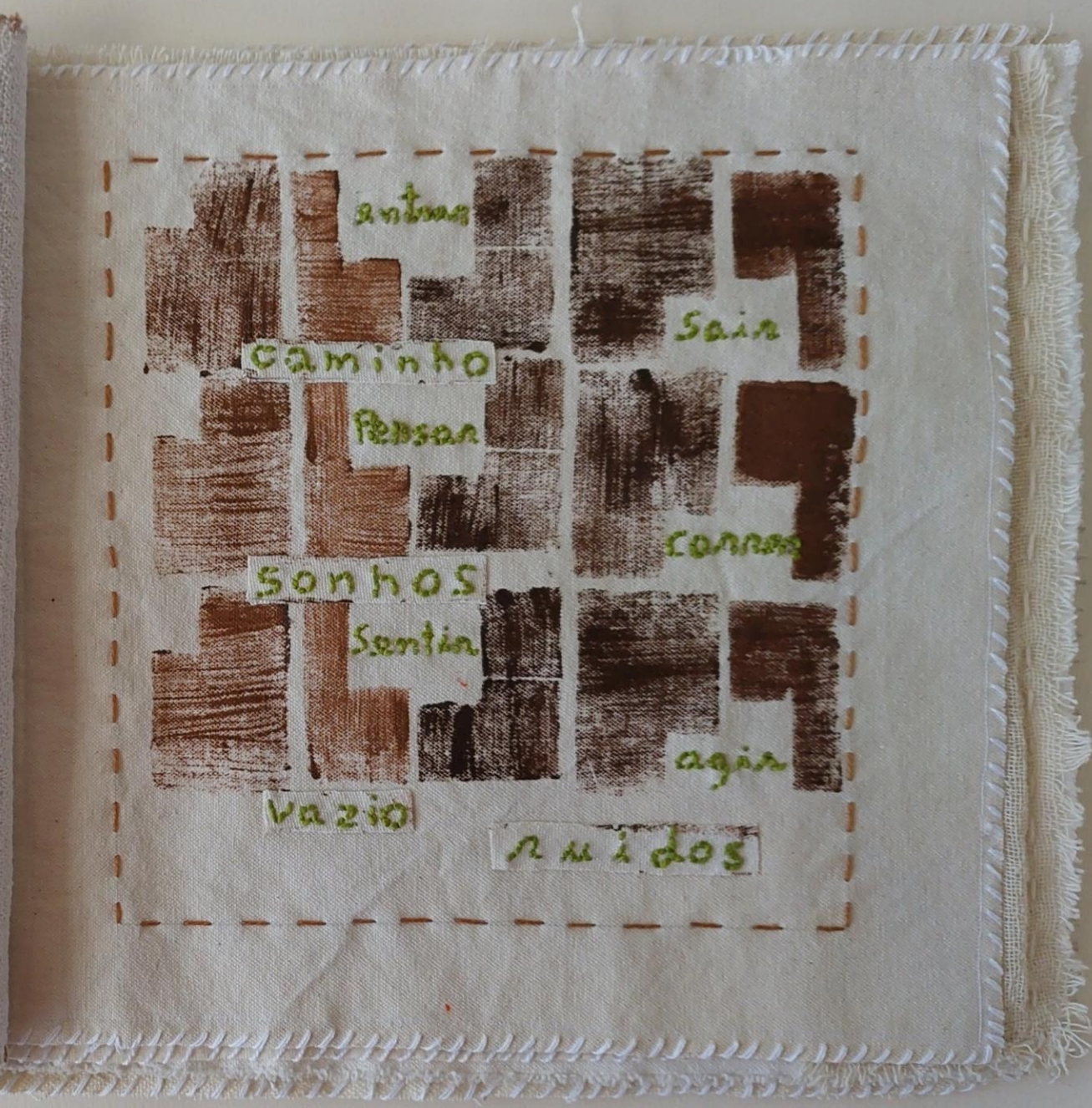
Através dos fios, das linhas
vou costurando, bordando
novos significados que fazem a
minha história.


O fio que torce
que desfia
que dobra
que desdobra
modifica o formato original
É o max. elemento
transformador
o "eu" como pessoa.

Handwritten text in blue ink, oriented vertically on the left page of the notebook. The text is mirrored across the gutter, suggesting it was written on the reverse side of the page. The writing is in a cursive script and appears to be a list or a series of notes.

Handwritten text in blue ink, oriented vertically on the left page of the notebook. The text is mirrored across the gutter, suggesting it was written on the reverse side of the page. The writing is in a cursive script and appears to be a list or a series of notes.







Sempre
fazemos
perguntas
e também
respostas
isto é a Vida



cada ponto
=
um passo

10.955 pontos

10.955 passos

meu caminho
percorrido

CONSCIÊNCIA

“ O tempo é o chão dos fatos. Podemos revê-los, percorrendo-o. Revivê-los. Ouvir de novo os sons. Reencontrar perfumes. Retomar o gosto e a morna maciez do seio amamentando o que ora é a gente neste instante no qual descobrimos o espaço interior chamado Tempo e nele tudo passa a ser paisagem, com um por-fora tão pequeno a que chamamos Mundo onde só é grande a vida nos mostrando longe o Tempo que Vem, onde enfim irá alguém poder dizer que vê a nossa frente a origem (e tanto a procuramos para trás) até entendermos que o tempo é o espaço entre os fatos, no infinito em que tivemos a graça de haver sido um ponto feliz se foi consciente da sua infinitude. “

Tal qual a formação dos galhos de uma árvore
O caminho foi sendo preenchido
Aprendizados
Experiências boas e as ruins
Muitas perguntas, nem sempre respostas
Mãos que falam
Linhas se sobrepõem mostrando o passado
Escondem segredos
Não sabemos quais serão os caminhos
Qual o nosso futuro
Só sabemos que um dia finaliza



Referências bibliográficas

BELO, Duarte. **Caminhar Oblíquo**. Lisboa, Portugal: Portuguesa, 2020. 1ª edição.

CORVAN, James. **O sonho do cartógrafo**. Rio de Janeiro: Rocco, p 68, 1999.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G Gili, 2013.

JEUDY, Henri- Pierre. **Percorrer a cidade**. Goiânia : Editora da PUC Goiás, 2010.

ORAGGIO, Liliane. **Bordas da seda**. São Paulo: Editora Quelônio, p 32, 35, 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis : Editora Vozes, 20ª edição, 1987.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil. **Experimentações para artes-manuais**. São Paulo: Hífen Editora, 1ª edição, 2021.

CALVINO, Ítalo. **Coleção de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, p 68 -69, 1ª edição, 2010.

VALIO, Luciana. **De onde brotam os fios**. São Paulo: Hawaii Gráfica, 1ª edição, 2024.

DERDYK, Edith. **LINHA DE COSTURA**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte por uma poética do ato criador**. São Paulo: Editora Intermeios, 2ª edição, p 30, 2012.

LIMA, Estefania . Revista **URDUME**. Curitiba: publicação independente, edição 8, ano 3, p 6, 2021.

VEIGA, Nina. Revista **URDUME**. Curitiba: publicação independente, edição 8, ano 3, p 52, 2021.

Cecília Vicuña . **Exposição Sonhar a água** . Pina Contemporânea : São Paulo, maio 2024.

MARTIM, João Benedito. **CONTOEMA**. São Paulo: publicação independente, p 1, 1975.